

Guiomar Elena Ciapuscio
gciapusc@gmail.com

Famílias de gêneros e novas formas comunicativas para a ciência

Genre families and new communicative forms in science communication

RESUMO – Transformações culturais, sociais e econômicas e, em especial, a globalização de trocas comunicativas facilitadas pelas Tecnologias de Comunicação e Informação (TCIs) sem dúvida fizeram com que os gêneros usados pelas comunidades discursivas se engajassem em práticas comunicativas mais complexas e diversificadas, com o consequente impacto sobre o campo da pesquisa linguística sobre gêneros. Neste trabalho eu levanto questões que dizem respeito à forma como as mudanças influenciaram a pesquisa linguística e como as relações de gêneros podem ser capturadas e sistematizadas. Eu vou argumentar que gêneros podem ser mais bem compreendidos em termos de “famílias” (Bergmann e Luckmann, 1995), orientadas para a solução de tarefas sociais e individuais. Eu proponho que gêneros particulares dentro de uma família desempenham papéis específicos nas tarefas e subtarefas de um campo determinado. Para esta proposta, eu faço uma distinção entre duas famílias bem diferenciadas em comunicação da ciência: (a) os gêneros de pesquisa (produção e validação de conhecimento) e (b) os gêneros para a comunicação da ciência para a sociedade (popularização do conhecimento).

Palavras-chave: Linguística de Gênero, famílias de gêneros, comunicação da ciência, gêneros de pesquisa, comunicação pública da ciência.

ABSTRACT – Economic, social and cultural transformations and, in particular, the globalization of communicative exchanges facilitated by the Information and Communication Technologies (ICTs) have undoubtedly made the genres used by discourse communities get engaged in more complex and diversified communicative practices, with the consequent impact on the field of linguistic research on genres. In this work I raise questions concerning how these changes have influenced linguistic research and how genre relations can be captured and systematized. I will argue that genres can be better understood in terms of “families” (Bergmann and Luckmann, 1995), oriented to the solution of social and individual tasks. I also propose that particular genres within a family play specific roles in the tasks or sub-tasks of a given field. For this purpose, I distinguish two well-differentiated families in science communication, (a) the research genres (production and validation of knowledge), and (b) the genres for communication of science to society (popularization of knowledge).

Key words: Genre Linguistics, genre families, science communication, research genres, public communication of science.

Para começar, uma lista de nomes que descrevem, telegraficamente, uma situação mundialmente conhecida e compartilhada nas práticas comunicativas: *Internet, intranets, Novas Tecnologias da Informação (TIC), hipertextos, facebooks, blogs ou micro-blogging, e-books, interação comunicativa...*

Diante desta lista, surge, naturalmente, para mim, como linguista, a pergunta: o que fez e o que está fazendo a ciência linguística diante dessas enormes mudanças que suscitam as transformações políticas, econômicas e sócio-culturais, e das novas condições e possibilidades de comunicação que expressam esses nomes? Existem implicações evidentes, mesmo se nos restringirmos à relação entre a linguística e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC): nessa convergência se faz necessário distinguir dois campos interrelacionados: de um lado, os diversos domínios da linguística teórica e aplicada que se servem de ferramentas informatizadas para

otimizar seus resultados de pesquisa e suas aplicações; de outro lado, os programas e ferramentas informatizadas que utilizam como insumo, conhecimentos teóricos e descritivos da linguística. As ferramentas informatizadas que de alguma forma se relacionam com a linguística (seja porque a utilizam como insumo, seja porque são utilizadas para otimizar suas aplicações) fazem parte do campo de ação da linguística computacional, o ramo da linguística que se ocupa precisamente desse cruzamento de um ponto de vista teórico e empírico. A linguística acompanha com seus esforços de pesquisa a crescente e vertiginosa complexidade e variedade que adquirem as formas comunicativas e as possibilidades de construir modelos de linguagem, automatizar determinados processos e dar assistência a falantes e escritores em tarefas regulares. Por outro lado, a linguística do texto e os estudos do discurso proveem estudos e análises das diferentes formas textuais e gêneros que se foram produ-

zindo a partir do início da era da Internet: basta percorrer alguns índices de algumas revistas representativas para ver que hoje chamam a atenção objetos como a salas de bate-papo, chats, blogs, foros, etc. e traços e fenômenos linguísticos particulares ou especiais, caracterizadores dessas novas formas comunicativas.

Além dessas implicações evidentes nas linhas de pesquisa da disciplina e nos recursos e insumos dos quais ela pode se servir, aquelas transformações, a meu ver, incidem também, talvez de maneira menos perceptível, em questões basilares como, por exemplo, na compreensão de diferentes temas da nossa disciplina, em como concebemos e elaboramos modelos para as noções teóricas com que trabalhamos e que modelos de representação podemos oferecer para da conta desses novos modos de entender e apreender nossos objetos. Como já está exposto no título do trabalho, tomarei como objeto de reflexão a temática dos gêneros, uma linha de pesquisa que provoca muito interesse no cenário da linguística atual e, especificamente, tratarei dos gêneros que divulgam a ciência, linha de pesquisa que foi fortemente impactada pelas mudanças políticas, sociais, culturais e tecnológicas que mencionei acima.

Do meu ponto de vista, tais mudanças influenciaram nos modos como a pesquisa linguística foi enfocando o tema dos gêneros, tema que apenas recentemente ganhou o status de “objeto de estudo” por parte da disciplina que, por anos, tendeu à redução do seu alcance observacional e descritivo. De fato, esse relativamente novo ramo de pesquisa – que hoje se costuma denominar, inclusive, com o sintagma “Linguística dos Gêneros” – passou da sustentação de uma concepção estática e classificadora do seu objeto – refiro-me à tão mencionada “tipologia textual” que tentava distinguir tipos textuais ou, mais tarde, tipos de textos com base nos traços contrastivos, representando-os através de diagramas arbóreos, tabelas, grades ou, com um sentido mais artístico, “partitura” (Weinrich, 1972) –, para a apresentação de modelos de representação globais a partir de metáforas geográficas como a “topologia” (Lemke, 1999; Martin, 1997), geográfico-políticas como “colônia” (Bhatia, 2004) ou biológico-sociais como “parentesco” ou “família de gêneros” (Bergmann e Luckmann, 1995; Martin e Rose, 2002). Essas noções estão sendo elaboradas e refinadas na linguística do texto e do discurso para poder capturar a crescente complexidade, diversidade e especialização das formas textuais que são empregadas por uma comunidade linguística.

Especificamente, neste trabalho, defenderei a ideia de que, para conseguirmos fazer frente à complexidade e variabilidade das formas comunicativas, os gêneros devem ser entendidos e descritos em termos de “famílias” (Bergmann e Luckmann, 1995), orientadas à solução de tarefas sociais e individuais, cujos membros – os gêneros particulares – desempenham papéis

específicos das subtarefas ou tarefas do campo. Na argumentação, distinguirei dois campos distintos da comunicação da ciência, (a) por um lado, os gêneros da pesquisa (produção e validação do conhecimento); (b) por outro lado, os gêneros da comunicação da ciência à sociedade (divulgação de conhecimento). Minha argumentação se concentrará, primeiro, na demonstração da tese principal e, segundo, de maneira mais especulativa do que conclusiva, em como parecem ter influenciado nessas famílias genéricas a globalização dos intercâmbios comunicativos e a disponibilidade das novas tecnologias.

Algumas definições conceituais

O âmbito para tais reflexões é a linguística textual alemã e, especificamente, o que dentro dela se designa com o termo de *Linguística dos Gêneros* (Adamzik, 2000). Considero que os textos são objetos complexos, que se caracterizam pela propriedade da textualidade, de natureza prototípica (Sandig, 2000, p. 99): consiste em um conjunto de traços que dizem respeito aos diferentes níveis ou dimensões constitutivas dos textos: a funcionalidade, a situacionalidade, a tematicidade e a forma linguística (Heinemann e Heinemann, 2002, p. 104). Os textos são sempre representantes de um gênero de textos (classes/tipos textuais), os quais podem ser descritos em termos de agrupamentos de textos a partir de características – de natureza prototípica – que se referem às suas diferentes dimensões constitutivas. É preciso, além disso, distinguir entre os gêneros e os padrões textuais que os originam (Heinemann, 2000).

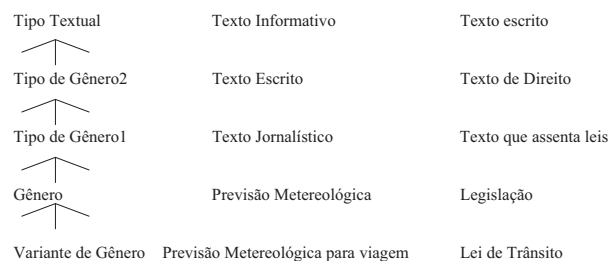
Há consenso a respeito de que o conhecimento dos padrões textuais globais é adquirido e ampliado sobre a base das experiências comunicativas, e que este conhecimento desempenha um papel central nas atividades de produzir e compreender textos. Os falantes se veem diante de tarefas comunicativas regulares que, dependendo de sua preferência, solucionam de modo igual (ou similar). Os padrões textuais são recursos pré-formados de ordem social e estrutural que “solucionam” tarefas comunicativas recorrentes, são orientações gerais sobre propriedades dos textos, variáveis segundo a experiência comunicativa do indivíduo, segundo a sua formação e área de atividade. Assim, os falantes dispõem de um “budget comunicativo” (Bergmann e Luckmann, 1995, p. 301), que consiste em diferentes tipos de processos comunicativos, grande parte dos quais têm uma estrutura sistemática, isto é, um campo de gêneros comunicativos, ainda segundo os mesmos autores. Assim, os gêneros do discurso especializado são tipos de textos mais ou menos padronizados que se empregam para resolver tarefas comunicativas regulares nos espaços da criação e da comunicação do conhecimento. Da mesma forma como o conhecimento especializado é adquirido de maneira

voluntária e através de uma aprendizagem explícita e formal (Cabré, 2002), a aquisição de competência nos gêneros que portam conhecimento especializado responde também a essas características.

Parentesco entre gêneros

Os diferentes gêneros que uma comunidade emprega não estão desvinculados entre si, mas coexistem, e, inclusive, há zonas de superposição entre eles, por exemplo, os diferentes tipos de relatório (relatório anual, relatório de pesquisa, relatório de imprensa, relatório de viagem, etc.); de entrevistas (entrevista jornalística, de trabalho, médica); ou de anúncios (busca de empregos, oferecimento de produtos e serviços, etc.). Nos últimos anos, pode-se observar em autores procedentes de distintas correntes de estudo dos gêneros, a preocupação em explorar, descrever e sistematizar as relações entre os distintos gêneros textuais que conformam o patrim nio de uma determinada comunidade. Em geral, nos distintos enfoques, esse interesse surge da preocupação analítica, isto é, de chegar a ordenamentos mais satisfatórios e, subsidiariamente, de aprofundar-se nos conhecimentos dos distintos gêneros. Em outros casos, as reflexões estão orientadas a elucidar a natureza do patrim nio comunicativo da sociedade e determinar as formas genéricas “aparentadas”¹. Os modos de interpretar os vínculos entre os gêneros variam da mesma forma que as terminologias: assim, a linguística textual alemã concebe os gêneros explicitamente em termos de uma escala de *maior a menor grau de abstração* (Werlich, 1975; Heinemann e Heinemann, 2002); a Linguística Sistem ico-Funcional em termos de *parentesco* (Martin, 1997; Martin e Rose 2002) e *col nias* (Bhatia, 2004), com base na similaridade funcional; outros pensadores de orientação sociológico-comunicativa propõem o termo *famílias* (Bergmann e Luckmann, 1995; Swales, 2004).

Na linguística textual, já nos primeiros trabalhos dos anos 1970, centrados na proposição de tipologias, pode-se constatar a preocupação pelo estabelecimento de relações entre gêneros de maior e menor grau de abstração (Werlich, 1975). Nos enfoques atuais, encontramos propostas similares que destacam a relevância da perspectiva do analista na tipologiza  o. Heinemann e Heinemann (2002, p. 143) oferecem uma taxonomia de maior grau a menor grau de abstração e um conjunto de etiquetas que descreve os níveis diferenciados. O seguinte esquema ilustra essa ideia: o *tipo textual* representa o nível mais abstrato da classificação; entretanto, este é relativo, pois a perspectiva – o propósito da classificação – determina o percurso do analista (por exemplo, se começa ou termina – em *texto informativo* versus *texto escrito*):



Em diferentes trabalhos da Linguística Sistem ico-Funcional se prop o a necessidade de uma *topologia* de gêneros, destinada a estabelecer graus de proximidade e distanciamento entre gêneros que pertencem a uma categoria mais geral ou super-ordenada (Lemke, 1999; Martin, 1997, p. 13). Bathia (2004, p. 57-58) prop o o conceito de “col nias de gêneros”, representado na Figura 1.

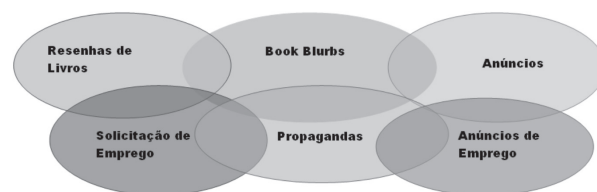


Figura 1: Col nias de gêneros (Bathia, 2004).

Figure 1: Genre colonies (Bathia, 2004).

Trata-se de um conjunto de gêneros relacionados cujos membros não respeitam limites disciplinares; são agrupamentos de gêneros que compartilham propósitos comunicativos, mas que podem diferir em outros aspectos, tais como afiliações disciplinares e profissionais, contextos de uso, relações entre os participantes, etc. Na Figura 2, o autor ilustra o conceito a partir do caso da colônia dos gêneros promocionais (Bathia, 2004, p. 59).

Pode-se ver que a proposta de colônia também repousa essencialmente na discriminação dos níveis de generalização/concisão: os gêneros promocionais são definidos por seu propósito comunicativo *geral* comum; a seguinte distinção, correspondente ao nível de g nero propriamente dito, baseia-se no *propósito* comunicativo específico (entretanto, segundo os exemplos, também estão envolvidos critérios de domínio ou tema – *book blurbs*, *cartas de solicitação*); em continuação, no nível de subg neros – que é recursivo – a discriminação reside primeiro no *meio* ou canal, em seguida no *tipo de objeto* (de referência ou produto) e, por último, nos participantes. Em suma, o critério central situa-se na dimensão funcional e em seguida se agregam critérios de

¹ Conferir a análise de Bergmann e Luckmann (1995) sobre a *fofoca* como um tipo de g nero reconstrutivo.

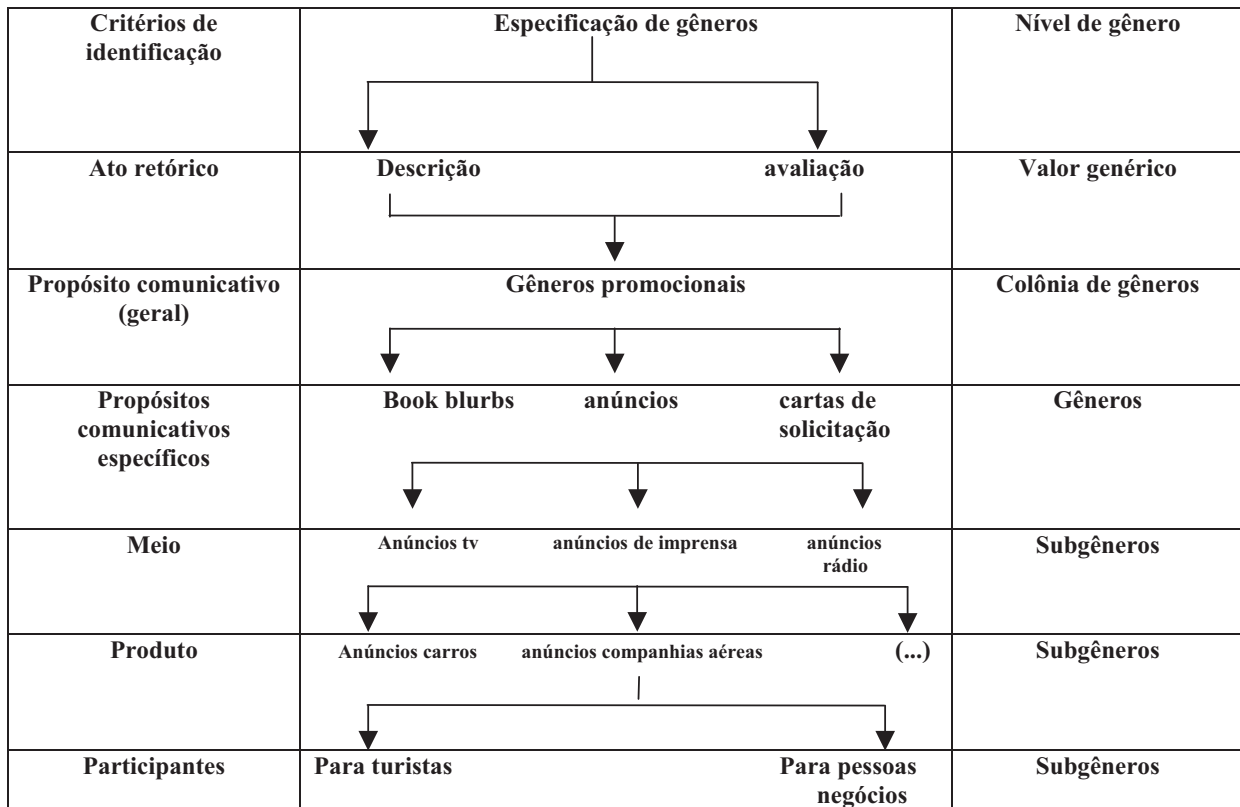


Figura 2: Gêneros promocionais (Bhatia, 2004, p. 59).

Figure 2: Promotional genres (Bhatia, 2004, p. 59).

outras dimensões (situacional e temática), para avançar no grau de concisão. A base conceitual da metáfora da colônia é espacial.

Nas propostas apresentadas, os vínculos situam-se na coincidência das finalidades comunicativas, na ocupação do mesmo “território” e em oposições relacionadas a fatores como âmbito comunicativo, tipo de canal, tema, etc. Serão, portanto, as semelhanças e divergências que explicarão o relativo distanciamento ou proximidade de gêneros. As propostas, que permitem ao analista conceituar um campo complexo, dando conta de uma maneira geral das relações que vinculam os gêneros, apresentam aproximações taxonômicas que estabelecem critérios de identificação para os diferentes níveis de abstração ou delimitações genéricas. Ambas as propostas apresentam o parentesco de gêneros em termos predominantemente estáticos; isto é sintetizado pelas metáforas e pelos gráficos: permitem identificar relações de semelhança e diferença, entendidas em termos de maior/menor grau de generalização, e apontam especialmente à atividade de ordenamento e classificação do analista, mas também permitem refletir a mescla e articulação dos gêneros (Bhatia, 2004). Por outro lado, no trabalho de Bhatia, está presente a preocupação em descrever

e explicar os processos de apropriação genérica, ou seja, o uso de determinados recursos de um gênero para a construção de outro, em termos de “invasão da integridade territorial” (Bathia, 2004, p. 87). Assim, os ordenamentos que respondem a metáforas espaciais ou geográficas podem fazer perder de vista o fato de que os gêneros são também entidades inerentemente dinâmicas. Como apontam Berkenkotter e Huckin (1995, p. 6) “se bem os gêneros estão associados a situações sócio-retóricas típicas, são estruturas retóricas inerentemente dinâmicas que podem ser manipuladas de acordo com a situação de uso [...]; os gêneros são lugares de contenção entre a estabilidade e a mudança. São inerentemente dinâmicos, mudam – embora de maneira gradual – através do tempo em resposta às necessidades sócio-cognitivas de seus usuários individuais”. Por isso, faz-se necessário, a meu ver, tentar capturar as relações genéricas em termos dinâmicos, mediante representações que estejam de acordo com essa inerente variabilidade e, fundamentalmente, orientadas pelo que constitui sua característica determinante: serem esquemas textuais e de ações pré-formados, convencionalizados, que são desenvolvidos no seio de uma determinada comunidade linguística para a solução de tarefas sociais e individuais.

Famílias de gêneros

Em um trabalho recente², propus uma visão complementar das relações genéricas, que se orienta pelo conceito de família genérica, uma visão que mais do que perseguir objetivos taxonômicos, pretende alcançar um maior grau de adequação empírica e que poderia ser útil também para propósitos aplicados diversos. Como já foi mencionado, a perspectiva dinâmica está fundamentada na ideia de que cada âmbito de atividade desenvolve suas próprias formas genéricas como estratégias de solução pré-formadas para as tarefas próprias desse âmbito; os gêneros devem ser entendidos em um duplo plano: por um lado, têm uma estrutura externa que é derivada da relação entre a ação comunicativa que levam a cabo e a estrutura social que os fundamenta e, por outro lado, uma estrutura interna que surge da sua função básica e da sua base material-linguística (Bermann e Luckman, 1995, p. 291). Em resumo: prefiro a metáfora de *família* em lugar da de *colônia*, uma vez que esta sugere que as relações entre os gêneros vão além do mero compartilhamento de um território em termos de maior proximidade ou distanciamento: a metáfora de *família*, que demonstrou ser produtiva para conceituar relações entre unidades linguísticas (*família de palavras*, *família de línguas*), designa com maior nitidez a existência de vínculos entre os gêneros e, fundamentalmente, permite expressar a ideia de que membros da família desempenham diferentes funções no âmbito geral dos atos que lhes dão origem e sentido.

Fundamentarei essa ideia com uma família de gêneros que pode ser postulada com base em argumentos sólidos: os gêneros do processo de pesquisa. Dentro desse conjunto, incluo os *gêneros de iniciação científica* (exposições orais, monografias, projeto de tese, pôster, palestra, tese) e os *gêneros de prática disciplinar* (resenhas, debates entre cientistas, artigos científicos, livro, relatório de pesquisa, parecer científico, etc.). Os gêneros do processo de pesquisa foram cunhados e são empregados por uma dada comunidade discursiva, formada por membros especialistas da disciplina em questão, e devem ser adquiridos pelos seus membros “aprendizes”; todos eles compartilham a meta social e comunicativa de produzir e transmitir conhecimento novo, relevante e/ou original em suas áreas disciplinares (Swales, 1990). Além da meta comunicativa geral comum, argumentarei que existem outros vínculos relevantes: todos eles realizam textual e linguisticamente, de maneira parcial ou total, o procedimento científico propriamente dito; por outro lado, estão orientados (ou deveriam estar) pelo *ethos* da ciência. Ambos os aspectos, junto com o propósito funcional geral, constituem o fundamento epistemológico

que dá unidade e sentido de família para os gêneros do processo de pesquisa. Para fundamentar essa ideia, usarei como apoio algumas reflexões formuladas por Weinrich (1995) em um ensaio no qual o autor argumenta a favor da unidade das diferentes disciplinas (e refuta a conhecida tese das duas culturas). A ciência é, por si só, uma atividade comunicativa: isso é assim porque nasce quando se comunica com outros; um conhecimento adquire valor de “científico” (ou seja, de “verdadeiro” provisoriamente) quando se submete à crítica e consegue a aceitação dos pares. Weinrich demonstra que se pode postular a unidade das diferentes disciplinas com ferramentas da linguística textual, a partir da comunidade retórica dos gêneros mais importantes para a comunicação de resultados originais nas chamadas *ciências duras* e *ciências brandas*: o artigo científico, representante paradigmático das primeiras, e o livro monográfico, como representante das ciências humanas. Para isso, eleger como amostra de sua argumentação, dois representantes textuais de destaque de ambos os gêneros: o artigo de Watson e Crick (1953), *A Structure for Deoxyribose Nucleic Acids* (Uma estrutura para o ácido desoxirribonucleico) publicado em *Nature*, que lhes valeu o prêmio Nobel, e um livro monumental sobre histórias da arte de Frances Yates (1966), intitulado *The Art of Memory* (A Arte da Memória). A análise desses textos lhe permite identificar quatro partes retóricas comuns:

- (i) O estado das pesquisas (*the state of the art*)
- (ii) O trabalho de pesquisa
- (iii) A discussão dos resultados
- (iv) O panorama para futuras pesquisas

A comunidade dessas quatro partes retóricas em dois textos de conteúdo e extensão tão diferentes se explica pelo fato de que elas refletem o modo de trabalho científico, o procedimento seguido pelo especialista quando realiza a pesquisa, independentemente de qual seja sua disciplina. As quatro partes retóricas, além disso, permitem apreciar a importância do aspecto comunicativo na atividade científica: as partes (ii) e (iii), nas quais se comunica e discute o trabalho de pesquisa empírico, estão rodeadas pela parte (i), a qual introduz o estado da pesquisa, ou seja, aquilo que outros colegas anteriormente fizeram sobre o tema, e a parte (iv), que estabelece a conexão com o processo de pesquisa futuro (o que fica por fazer por parte de outros ou pelo próprio pesquisador). Especialmente através dessas duas partes textuais, o pesquisador se ordena no conjunto comunicativo de sua disciplina. Essa retórica fundamentada no procedimento científico, além disso, deve orientar-se no *ethos* da ciência (Weinrich, 1995): a cada parte textual corresponde um valor de verdade ao qual deve tender toda

² Conferir Ciapuscio (2007, 2008). A maior parte dessa seção sobre “Família de gêneros” procede desses trabalhos.

a atividade científica (e todo texto resultante dela). Assim, à primeira parte textual corresponde uma *verdade de referência*, que se dá quando o estado da pesquisa é apresentado segundo as regras de jogo válidas, com a devida profundidade histórica e de maneira honesta. A segunda parte, que apresenta a própria pesquisa, está submetida à *verdade de protocolo*, que está assegurada quando simplesmente são informados os resultados, sem intenções oportunistas e sem falsificação. A verdade específica que deve ser atribuída à terceira parte é chamada de *verdade de diálogo*, porque, ao discutir os próprios resultados, o autor antecipa o diálogo crítico com os colegas (e é, por isso, uma verdade de tipo argumentativo). Finalmente, a quarta parte textual tem também sua própria verdade, que o autor chama de *verdade de orientação* ou *verdade comunicativa*. *Verdade de referência*, *verdade de protocolo*, *verdade de diálogo* e *verdade de orientação* – derivadas dos quatro passos canônicos do artigo científico – são, pois, quatro aspectos de uma obrigação de verdade que o procedimento científico deve seguir em todas as disciplinas.

A partir dessas frutíferas e interessantes ideias de Weinrich, pode-se propor que cada passo canônico do procedimento científico se realiza nos diferentes gêneros do processo de pesquisa, ou formulado ao contrário: os diferentes gêneros que formam a família dos gêneros da pesquisa se associam de maneira sistemática com um passo (ou vários) do procedimento científico. O “embrião” ao qual a família remete é o fato de que a todos subjaz o procedimento científico, que se reflete de maneira completa nas partes canônicas do artigo científico (AC) e do livro de pesquisa; a família possui gêneros de iniciação e gêneros da prática disciplinar, tal como são empregados pelos membros especialistas da comunidade em questão. Além disso, podemos afirmar que o passos procedimentais e a produção de conhecimento especializado, juntamente com os passos procedimentais que são realizados nos seus gêneros específicos, são de ordem não apenas sequencial, mas também de ordem recursiva, como pretende demonstrar a Figura 3.

Consideremos agora o primeiro passo do procedimento científico, isto é, informar o estado das pesquisas no tema, de acordo com as convenções disciplinares e situacionais dadas. Esse passo pode ser realizado através de diferentes gêneros orais e escritos, usados por especialistas e, em sua maioria, também por aprendizes de especialista, como mostra a Figura 4.

Os diversos gêneros orais e escritos que formam essa subfamília, cuja meta comum é informar o estado das pesquisas sobre um determinado tema, vinculam-se entre si por relações de tipos diversos, baseadas em diferentes dimensões textuais. Por exemplo, a exposição oral de bibliografia e o relatório de leitura se opõem na dimensão situacional pelos parâmetros oralidade/escrita e as características opositivas que deles se derivam (por exemplo, editado versus não editado); a seção do AC “antecedentes

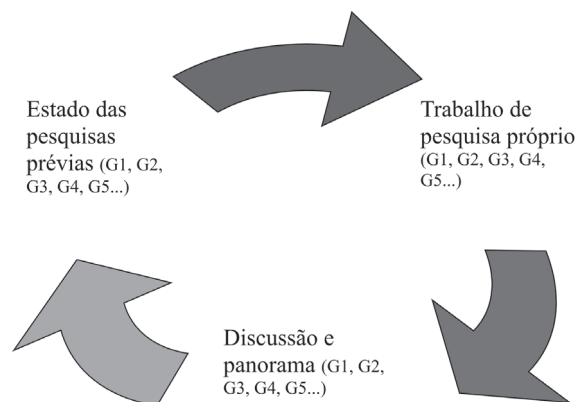


Figura 3: Recursividade dos passos do procedimento científico.

Figure 3: Recursivity of the steps of scientific procedure.

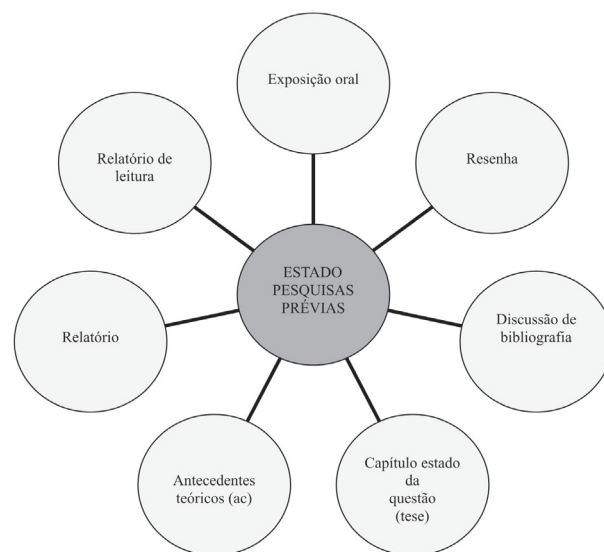


Figura 4: Passo 1. Informar o estado das pesquisas.

Figure 4: Step 1. Informing the state of the art.

teóricos”, e o capítulo do estado da questão de uma tese, que em rigor constituem partes genéricas, ainda que ostentem um certo grau de autonomia do texto completo, podem opor-se na dimensão de forma linguística por uma relação de redução/expansão semântico-formal; por sua vez, esses dois gêneros se opõem à resenha por seu caráter incluído frente à autonomia textual que caracteriza esta última. Em outros termos, os membros da família dos gêneros de pesquisa se relacionam por vínculos bilaterais de distinta ordem, que se referem às diferentes dimensões textuais (essencialmente, situacional, de conteúdo semântico e forma gramatical).

O passo seguinte, que compete ao relatório do trabalho de pesquisa, significa uma complexidade genérica maior e a necessidade de distinguir entre os gêneros

de iniciação na pesquisa e os gêneros da própria prática disciplinar, que são empregados pelos membros mais especialistas. Uma ilustração parcial para os gêneros da pesquisa pelos membros especialistas apresenta a Figura 5.

Como se pode ver, estão incluídas neste passo as partes medulares dos gêneros complexos (o artigo científico, a tese, o livro): me refiro às seções de Materiais e Métodos e Resultados. Entretanto, como se sabe, a comunicação do trabalho propriamente dito pode dar-se em outras formas genéricas mais básicas, orientadas prospectiva ou retrospectivamente como o resumo ou *abstract*, por um lado, e o relatórios de pesquisa ou a comunicação em um congresso, por outro. As relações intergenéricas são explicadas, novamente, em termos dos parâmetros e valores dos níveis de situação, conteúdo semântico e forma gramatical.

Por último, incluo em um só passo as partes retóricas de *Discussão de Resultados e Panorama*, já que normalmente confluem em um mesmo gênero ou em uma mesma seção, conforme a Figura 6.

Esta parte retórica, de forte carga argumentativa e polêmica, dá lugar a gêneros e partes textuais específicas, que se encontram nas seções finais dos gêneros maiores e frequentemente costumam realizar-se em gêneros escritos ou orais independentes, próprios dos membros especialistas da comunidade. Quer dizer que podem orientar-se ao próprio texto, como no caso das seções de “discussão de resultados” do AC ou das teses, ou aos textos de outros: neste caso, são representantes paradigmáticos os gêneros da avaliação, a cargo de árbitros e pares, que são os que decidem a validade do trabalho

de pesquisa (pareceres, avaliação de teses, projetos, etc.). No caso dos painéis e mesas redondas, costumam acontecer as duas orientações críticas.

A Figura 7 oferece uma síntese do que foi dito até aqui. Enquanto cada parte canônica pode realizar-se em gêneros individuais ou partes genéricas, os gêneros centrais da pesquisa (a tese para o caso dos gêneros de iniciação, o AC e o livro para as críticas disciplinares) são os gêneros complexos que realizam a totalidade dos passos canônicos do procedimento científico.

A visão global e dinâmica das famílias genéricas, pensadas em termos de gêneros membros que cumprem os passos das tarefas próprias do âmbito discursivo, que se inter-relacionam por vínculos que podem ser explicitados de maneira sistemática – nos quais deveria aprofundar-se com pesquisas específicas – pode ser uma ferramenta útil para uma compreensão global dos gêneros e das práticas do âmbito discursivo propriamente dito. Por outro lado, o conhecimento dessas inter-relações, combinado com descrições empíricas sólidas dos gêneros individuais, pode ser empregado para diversos propósitos aplicados: por exemplo, para criar programas de capacitação em produção de textos e em redação acadêmica, já que poderiam estabelecer-se progressões que contemplem graus de complexidade e imbricações características. A especificidade dos vínculos entre os gêneros aparentados (expansão/redução, oralidade/escrita, destinatários pares/ árbitros, etc.) pode ser aproveitada para criar atividades específicas, que também podem ser usadas para aperfeiçoar a capacitação de especialistas em tradução e revisão.

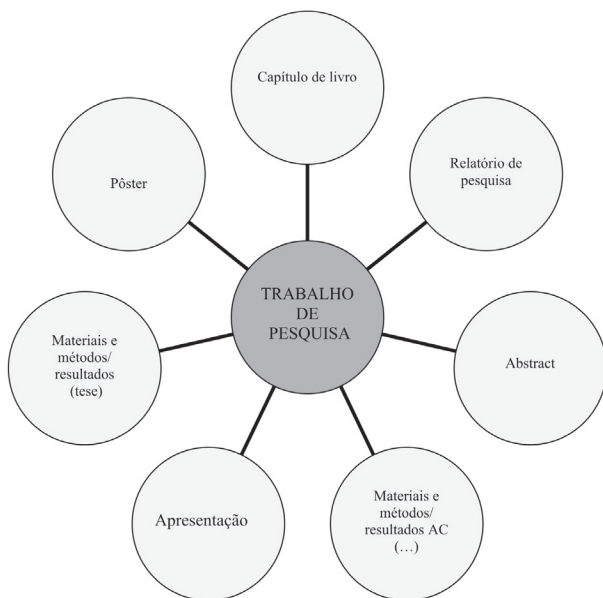


Figura 5: Passo 2. Relatório do trabalho de pesquisa.
Figure 5: Step 2. Informing about the research work.

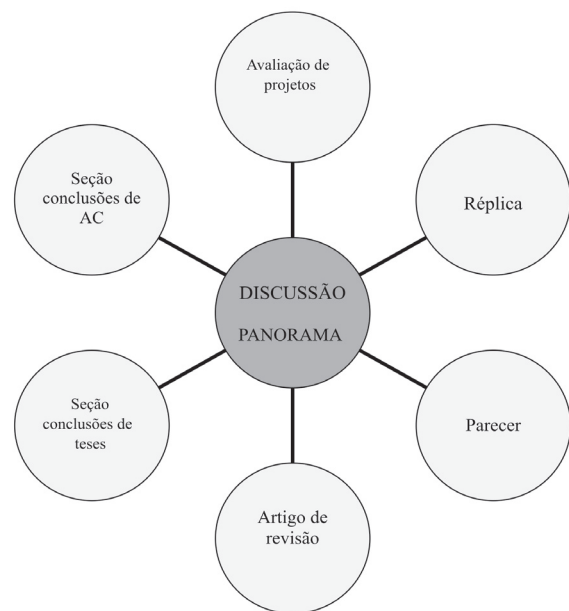


Figura 6: Passos 3 e 4. Discussão de resultados e panorama.
Figure 6: Steps 3 and 4. Discussion of results and overview.

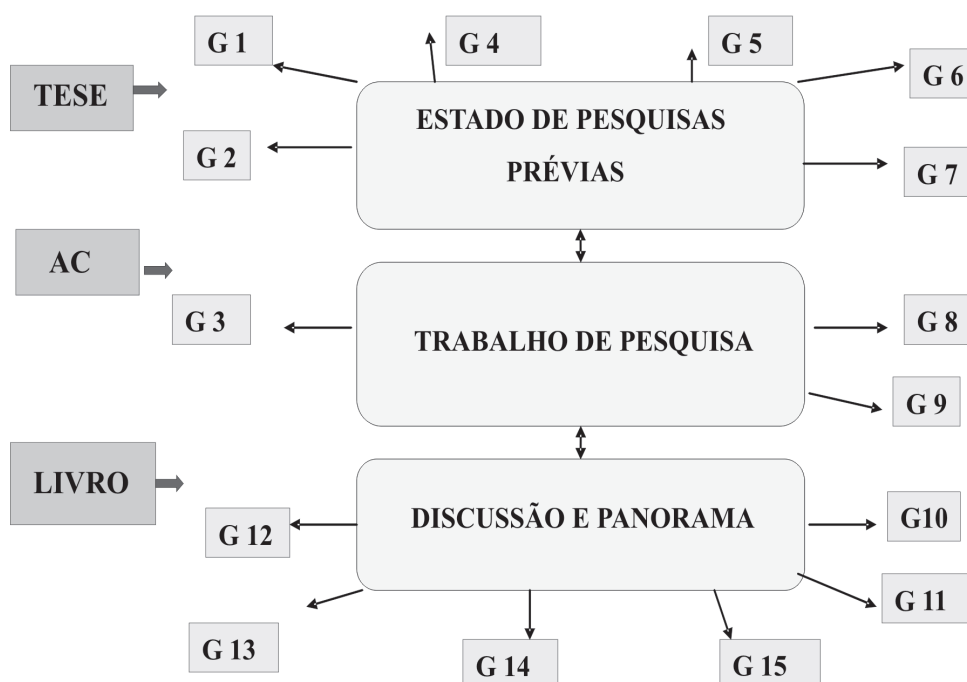


Figura 7: Síntese.
Figure 7: Summary.

Família de gêneros e mudança genérica

A elaboração e a sistematização de famílias genéricas em cada âmbito discursivo, entretanto, poderiam ter também outras finalidades como, por exemplo, a de capturar as modificações, os deslocamentos por hibridação e/ou o surgimento de novos gêneros ao longo do tempo. As mudanças nas práticas comunicativas científicas – sua globalização e internacionalização – e as novas tecnologias significaram – significam – o nascimento de novos gêneros da pesquisa em ciência? A globalização dos intercâmbios entre diferentes comunidades científicas, a Internet, as *Novas tecnologias da informação, a interatividade comunicativa*, produziram algum tipo de consequência na configuração, integridade e funcionalidade dos gêneros empregados pelos cientistas?

Evidentemente, são perguntas complexas que não podem ser respondidas neste espaço de maneira completa nem definitiva. Entretanto, me atrevo a aventurar algumas linhas para a reflexão. A consequência mais óbvia e evidente é que mudaram os suportes dos gêneros da ciência, e estes novos suportes significaram um aumento da disponibilidade de informação e, portanto, do acesso ao conhecimento, produziram uma intensificação das relações comunicativas entre os membros da comunidade científica, derrubaram barreiras geográficas, aumentos todos difíceis de mensurar com um quantificador certo. Os gêneros tradicionais se incorporaram aos suportes

oferecidos pela tecnologia e, desse modo, modificaram-se de maneira dramática as práticas científicas: assim, as conferências de especialistas em congressos são transmitidas em vídeo-conferências, que podem, então, ser aproveitadas em lugares distantes por ouvintes distantes; uma boa parte dos artigos científicos, os livros, as revistas especializadas, são acessíveis no modo *online*, em suporte informático, através da Internet (a partir do final dos anos 90 foram sendo criadas enormes bibliotecas digitais para diferentes disciplinas, as chamadas “bibliotecas eletrônicas de ciência”) ou os trabalhos são acessíveis nesse suporte informático via e-mail. Também os gêneros da avaliação transitam agora na estrada informática (por exemplo, todo o sistema de avaliação do CONICET está informatizado em sua “intranet”, disponível *online*, em uma ampla rede de gêneros que formatam as apresentações dos candidatos, os projetos, sua produção científica (sob a forma de livros, artigos, resenhas), seus CV, as avaliações de pares e os ditames das diversas instâncias de avaliação da organização. Definitivamente, as TIC significaram uma mudança revolucionária nas práticas científicas, que se refere à acessibilidade, à organização e conexão da informação disciplinar, disposta nos diversos gêneros próprios da comunidade científica, mas não me parece possível fundamentar a existência de “novos gêneros” que realizem os passos do processo de pesquisa. Naturalmente, os gêneros individuais (suas características e propriedades funcionais, situacionais, temáticas e de

forma gramatical) sofreram variações e deslocamentos, hibridação e mesclas, que, há uma década, estão recebendo crescente atenção da linguística do texto especializado, da retórica e do estudo contrastivo dos textos. Mas em síntese, podemos afirmar que as mudanças se referem à variação de suporte, disponibilidade *online*, processadores de texto cada vez mais potentes: essas mudanças modificaram, sem dúvida, as práticas de produção, tratamento e recepção dos textos, mas, a rigor, não parece justificar-se a postulação de formas genéricas novas.

A resposta varia um pouco se deslocamos a lente de observação a uma família relacionada de gêneros: a família que organiza a comunicação dos resultados científicos à sociedade (ou seja, a divulgação científica). Nesse campo, influíram fatores de ordem mais profunda, que obedecem a mudanças políticas e socioculturais nos modos de compreender e, portanto, realizar as finalidades do âmbito discursivo, isto é, informar aos cidadãos os avanços e resultados do campo científico e interessá-los de maneira que esses resultados possam incorporar-se e influir positivamente na vida das pessoas. Do modelo do terceiro homem, o mediador entre o cientista e o cidadão, com frequência o jornalista especializado, dominante até os anos 90, passou-se a uma interlocução mais direta entre o pesquisador e o cidadão, e a uma participação crescente dos leigos em temas de ordem científico-tecnológica que podem afetar sua vida pessoal (saúde, meio ambiente, alimentação, etc.). Na Argentina, o restabelecimento da democracia significou um aumento considerável da atividade de divulgar ciência, e da exploração inovadora de gêneros tradicionais do jornalismo para esse fim: no começo dos anos 90 as formas comunicativas adotadas pela divulgação científica foram, principalmente, além dos tradicionais livros de divulgação, as notícias na imprensa; os suplementos ou páginas de ciência em jornais, de maneira muito menor, e somente quando o caráter da novidade científica podia alcançar certo grau de espetacularidade; notícias no rádio ou na televisão. Com esses gêneros se realizava no princípio da década passada a tarefa de aproximar a ciência do público.

Assistimos hoje a uma proliferação de novos gêneros de divulgação, que aproveitam intensamente as novas possibilidades tecnológicas, mas que fundamentalmente respondem a mudanças sociais e culturais mais profundas, que se somam às anteriores: pense em gêneros híbridos novos como as bitácoras (blogs) e arquivos de áudio (*podcasts*) a cargo de cientistas, como os que são oferecidos pelas revistas científicas de primeiro nível, como *Nature* e *Science* e outros recursos multimídia, que, em parte, naturalmente, exploram formas textuais preexistentes, mas configuram novos recursos genéricos que as novas tecnologias possibilitaram. A tendência ao contato mais direto com os especialistas (cara a cara ou virtual) explica, por um lado, o florescimento das “conversas e ciclos de divulgação”, programas como os do canal Encontro – “O

cozinheiro científico”, a aparição dos cafés científicos, nascidos na década de 90 na Europa e que já têm um lugar estabelecido em vários países latino-americanos: México, Chile, Argentina (nas cidades de Rosário e Buenos Aires, o caso do Café do Planetário ou as rodas de mate científicas na Universidad Nacional de General Sarmiento); por outro, os blogs e fóruns da Internet, são lugares de encontro virtual para tratar temas de interesse público, mas que requerem opinião especializada, como é o caso do meio ambiente, e que, portanto, congregam o interesse de especialistas, de técnicos, mas também de cidadãos afetados ou não afetados.

Conclusões

A proposta da família de gêneros, de natureza dinâmica e baseada no conceito de gêneros como soluções regulares ou pré-formadas para tarefas recorrentes de cada âmbito discursivo, se fundamentou a partir do caso dos gêneros de pesquisa. A ciência é uma atividade eminentemente comunicativa, levada a cabo por uma comunidade discursiva que compartilha não só metas gerais, mas também um procedimento de trabalho comum a todas as disciplinas, que está orientado em um *ethos* compartilhado: esses fatores constitutivos do “fazer ciência” determinam um patrimônio próprio que configura uma família de gêneros. Não pretendo ter sido exaustiva com relação aos membros da família (por exemplo, ficaram de fora desta apresentação gêneros fundamentais da atividade científica, aparentados com o “promocional”, como, por exemplo, as apresentações de projetos, as postulações a bolsas e a outros tipos de concursos acadêmicos; também os gêneros laudatórios, etc.); me limitei aos gêneros centrais na produção e validação de conhecimento. Apesar de suas limitações e seu grau de generalidade, é possível que esta ideia seja útil para promover e desenvolver a competência em gêneros especializados, tanto de cientistas novatos para suas práticas, como para os especialistas da linguagem, como tradutores, intérpretes e profissionais da linguagem em geral.

Quanto à segunda parte desta apresentação, as conclusões são, como o havia anunciado, de ordem mais especulativa.

Pode parecer que o efeito da globalização e das novas tecnologias é, em certa medida, diferente nos dois âmbitos: na família dos gêneros da pesquisa o impacto se refere especialmente à modificação das condições situacionais de seu processamento (nas possibilidades de simultaneidade ou instantaneidade dos intercâmbios, o aumento descomunal da acessibilidade à informação e das possibilidades de difusão dos próprios resultados, etc.).

Na comunicação da ciência com a sociedade, o efeito se realiza sob a forma do nascimento de novos “membros” da família genérica, que respondem, por um lado, às mudanças socioculturais nos modos de entender

a relação entre a ciência e a cidadania, e, por outro, às possibilidades brindadas pelas novas tecnologias. A família se amplia sob a modalidade da apropriação e da modificação de formas genéricas próprias de outros âmbitos (a “conversa”, o “debate”, o “café literário”), ou a reapropriação de velhas formas genéricas da comunicação da ciência adaptadas aos novos formatos e suportes, como “a experiência à vista ou demonstração”, como ocorre em alguns programas televisivos sobre ciência (é preciso lembrar que a experiência à vista era um gênero que nos séculos XVIII e XIX se empregava para validar publicamente as pesquisas científicas). Entretanto, não parece haver tarefas específicas novas, e sim que as novas formas genéricas surgem essencialmente a partir das potencialidades oferecidas pelas novas tecnologias para aperfeiçoar a realização das tarefas tradicionais do campo, e respondem às novas condições, necessidades e expectativas sociais.

Como conclusão comum e final, podemos constatar nos dois âmbitos tratados, formas comunicativas mais democráticas, transparentes e participativas, o que, sem dúvida, constitui um fato positivo e auspicioso para nossas práticas sociais.

Referências

- ADAMZIK, K. 2000. *Textsorten*. Tübingen, Stauffenburg, 229 p.
- BERGMANN, J.R.; LUCKMANN, T. 1995. Reconstructive genres. In: U. QUASTHOFF (ed.), *Aspects of oral communication*. Berlin, W. de Gruyter, p. 289-304.
- BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. 1995. *Genre knowledge in disciplinary communication: Cognition/culture/power*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 189 p.
- BHATIA, V. 2004. *Worlds of written discourse*. London/New York, Continuum, 288 p.
- CABRÉ, T. 2002. Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización In: J. GARCÍA PALACIOS; M.T. FUENTES (eds.), *Texto, terminología y traducción*. Salamanca, Almar, p. 15-36.
- CIAPUSCIO, G. 2007. Genres et familles de genres: apports pour l'acquisition de la compétence generique dans le domaine academique. *Études de Linguistique Appliquée*, **148**:405-416.
- CIAPUSCIO, G. 2008. Géneros y familias de géneros: aportes para la adquisición de la competencia genérica en el dominio académico. In: C. PADILLA; S. DOUGLAS; E. LOPEZ (eds.), *Lectura y escritura críticas: perspectivas múltiples*. Tucumán, Cátedra UNESCO. [CD-ROM].
- HEINEMANN, M.; HEINEMANN, W. 2002. *Grundlagen der Textlinguistik*. Tübingen, Max Niemeyer, 310 p.
- HEINEMANN, W. 2000. Textsorten. Zur Diskussion um Basisklassen des Kommunizierens. Rückschau und Ausblick. In: K. ADAMZIK (ed.), *Textsorten. Reflexionen und Analysen*. Tübingen, Stauffenburg, p. 9-29.
- LEMKE, J.L. 1999. Typology, topology, topography. Disponível em: <http://www.personal.umich.edu/jaylemke/papers>. Acesso em: 16/09/2008.
- MARTIN, J.R. 1997. Analysing genre: Functional parameters. In: F. CHRISTIE; J. MARTIN, *Genre and institutions*. London/New York, Continuum, p. 3-39.
- MARTIN J.R.; ROSE, D. 2002. *Working with Discourse. Meaning beyond the clause*. London/New York, Continuum, 293 p.
- SANDIG, B. 2000. Text as prototyp. In: M. MANGASSER-WAHL (ed.), *Prototypentheorie in der Linguistik*. Tübingen, Stauffenburg, p. 93-112.
- SWALES, J. 1990. *Genre Analysis. English in academic and research settings*. Cambridge, Cambridge Academic Press, 260 p.
- SWALES, J. 2004. *Research genres. Explorations and applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 314 p.
- TECHTMEIER, B. 1998. Diskussion(en) unter Wissenschaftlern. In: L. HOFFMANN; H. KALVERKÄMPER; H. WIEGAND (eds.), *Fachsprachen – Languages for Special Purposes*. Berlin/New York, W. de Gruyter, vol. 1, p. 509-517.
- WATSON, J.D.; CRICK, F.H. 1953. A Structure for deoxyribose nucleic acids. *Nature*, **171**:737-738.
- WEINRICH, H. 1972. Thesen zur Textsorten-Linguistik. In: E. GÜLICH; W. RAIBLE (eds.), *Textsorten*. Frankfurt, Athenäum Verlag, p. 161-169.
- WEINRICH, H. 1995. Wissenschaftssprache, Sprachkultur und die Einheit der Wissenschaften In: H. KRETZENBACHER; H. WEINRICH (eds.), *Linguistik der Wissenschaftssprache*. Berlin, Walter de Gruyter, p. 155-174.
- WERLICH, E. 1975. *Texttypologie*. München, Fink, 140 p.
- YATES, F. 1966. *The art of memory*. Chicago, The Chicago University Press, 385 p.

Submissão: 24/08/2009

Aceite: 26/10/2009

Guiomar Elena Ciapuscio

Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas Dr. Amado Alonso

Universidad de Buenos Aires – CONICET

25 de mayo, 217

1006, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina